

**PROENÇA,
CORTEÃO,
SÉRGIO E O
GRUPO SEARA NOVA**



**Amon Pinho
António Pedro Mesquita
Romana Valente Pinho
(orgs.)**



FICHA TÉCNICA

Título

Proença, Cortesão, Sérgio e o Grupo Seara Nova

Organização

Amon Pinho
António Pedro Mesquita
Romana Valente Pinho

Colecção: ACTA 22

Preparação de originais, revisão técnica, revisão de texto e notas editoriais

Amon Pinho e Romana Valente Pinho

Pesquisa iconográfica

Amon Pinho e Romana Valente Pinho

Comissão Científica

Fernando Catroga (Universidade de Coimbra)
José Esteves Pereira (Universidade Nova de Lisboa)
Leonel Ribeiro dos Santos (Universidade de Lisboa)
Norberto Cunha (Universidade do Minho)
Pedro Calafate (Universidade de Lisboa)

Capa

Lou Bertoni. Pintura digital a partir da capa, de autoria de Leal da Câmara, do primeiro número da revista *Seara Nova*

Ilustrações

Pinturas digitais de Lou Bertoni a partir da capa, também da autoria de Leal da Câmara, do segundo número da revista *Seara Nova* e de fotografias de Raul Proença, António Sérgio e Jaime Cortesão

Editor

Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL)

Apoios

Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL)

Impressão e acabamento

Clássica - Artes Gráficas

Depósito legal

388340/15

ISBN

978-989-8553-34-8

Raul Proença: a moral epicurista e o homem de elite.

Maria Celeste Natário (Universidade do Porto)¹

Resumo:

Para Raul Proença, as elites teriam como missão servir as «massas populares», no sentido de as orientar para o Bem e o bem-estar, o que significava que essas «massas» tinham que ser igualmente educadas através de uma educação popular permanente.

Palavras-Chave: Raul Proença, Elite, Massas, Educação

Abstract

For Raul Proença, the elites would have as its mission to serve the "masses" in order to steer the good and welfare, which meant that these 'masses' had to also be educated through a popular education permanent.

Key-words: Raul Proença, Elite, Masses, Education

¹ Coordenadora do Grupo de Investigação *Roots and Horizons of Philosophy and Culture in Portugal* / Instituto de Filosofia / Faculdade de Letras da Universidade do Porto / RG-PHIL-Norte-Porto-502-1948

Propagar ou divulgar mais cultura, mais instrução, criar uma *opinião pública*, a par de uma *elite* empenhada na renovação e transformação do País, exigia condições de ampla dimensão. Proença desempenhava funções nos Serviços Técnicos da Biblioteca Nacional, desde 1911. Leonardo Coimbra era então Ministro da Instrução Pública, Jaime Cortesão, que saíra do «ninho da águia», era nomeado director da Biblioteca ao mesmo tempo que Raul Proença era empossado no cargo de director da Divisão dos Serviços Técnicos, sendo ainda Aquilino Ribeiro o 2.º bibliotecário e Álvaro Pinto chefe dos Serviços Administrativos, depois substituído por Ferreira de Macedo.²

A actividade cultural e intelectual que a Biblioteca Nacional empreendeu era de grande notoriedade. Raul Proença e Jaime Cortesão, dois «ex-renascentes» a que outros também estiveram ligados, traçaram um plano de actividades que tornaram a Biblioteca não só um verdadeiro centro aglutinador de intelectuais e artistas (com uma dinâmica vida cultural), como também ao nível da catalogação, produção e autonomia editorial exerceram um trabalho inexcedível. Raul Proença, um dos maiores obreiros deste projecto de renovação, apesar do esquecimento a que o seu pensamento e obra foram votados durante muitos anos, viu a sua actividade desenvolvida na Biblioteca por todos reconhecida.³ De igual modo foi também reconhecido o seu papel de

² Esta substituição aconteceu na sequência do convite de António Sérgio a Álvaro Pinto para seu assessor nas actividades editoriais que entretanto levava a cabo no Brasil.

Ao que tudo indica, teria sido Raul Proença convidado para o cargo de director da Biblioteca Nacional, na sequência da demissão de Fidelino de Figueiredo. Raul Proença não terá aceitado o convite por entender que no momento era mais útil à reorganização técnica dos serviços da Biblioteca que já havia iniciado.

Por isso, ele mesmo convida o seu grande amigo Jaime Cortesão para desempenhar o cargo, ao que este responde afirmativamente. Contudo, e porque Jaime Cortesão nesta época enfrentava problemas de saúde causados pela Guerra, Raul Proença assume por longos períodos de tempo o papel de director interino da Biblioteca Nacional, que em nada desmereceu a instituição, graças também aos elevados conhecimentos de biblioteconomia que possuía, a que se aliava uma grande capacidade de organização por todos conhecida. Sobre este assunto consulte-se António Reis, *Raúl Proença: biografia de um intelectual republicano*, Lisboa, IN-CM, 2003, 2 vols., 525/341 pp., onde apresenta um trabalho exaustivo a este propósito.

³ Aliás, antes de alguns estudiosos começarem a dedicar atenção ao seu pensamento, como Sant'Anna Dionísio, Joel Serrão, Sottomayor Cardia, mas sendo António Reis a pessoa

grande promotor e colaborador do *Guia de Portugal*. Contudo, o estudo sobre o *Eterno Retorno*, entre muitos outros textos dispersos por variadíssimas publicações, são a prova clara de que Raul Proença ultrapassou largamente o âmbito referido. Aliás, a intensa actividade editorial que se conhece nesta fase da Biblioteca foi marcada também pelo lançamento da segunda série da revista *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, que, embora nominalmente tivesse como director Júlio Dantas e Raul Proença como secretário de redacção, entre outros intelectuais a esta publicação ligados, o facto é que é Raul Proença que aí se destaca, principalmente pelos seus grandes conhecimentos nas áreas de biblioteconomia e arquivística, dando a conhecer em diversos artigos aí publicados não só notícias do que na Biblioteca Nacional se ia passando, mas também publicando artigos da especialidade biblioteconómica e levando a que a revista se afirmasse logo desde o primeiro número como uma das melhores da Europa.

Contudo, os anseios de Proença iam mais longe e, por isso, não resiste à criação de rubricas como «Intermezzo» e «Notas e comentários», excedendo os limites da especialidade da revista. Nestas rubricas, as suas reflexões de cariz ético, político, filosófico e educativo demonstram, além do mais, a preocupação com a formação de elites, acreditando que delas poderia surgir uma renovação das mentalidades.⁴ Em simultâneo, para além de bibliotecário, Proença

que mais longe levou a divulgação e estudo da obra proenciana, Raul Proença surge-nos descrito de um modo geral quer em dicionários ou histórias ou em algumas poucas obras em que se lhe faz referência, como o «bibliotecário» de grande prestígio que redigiu as «Regras para a redacção, impressão e ordenação dos catálogos e respectivos modelos», assim como o principal responsável e autor do *Guia de Portugal*. Além destas duas situações, nada ou quase nada era referido em relação ao pensamento deste autor, a não ser, esporadicamente, a sua curta passagem pela Renascença e também pela *Seara Nova*, o que, como sabemos, e principalmente nesta última situação, a injustiça é flagrante.

⁴ Embora o tema das elites seja extenso e de grande importância no pensamento do autor, não é nosso objectivo desenvolvê-lo neste trabalho. Mesmo assim, pensamos poder afirmar que estas elites que Raul Proença gostaria de ver surgir através da educação e formação poderiam ser comparadas ao grupo de «Guardiões» responsáveis por uma sociedade mais humana, justa e responsável, assemelhando-se assim ao papel desempenhado pelos filósofos na *República*, de Platão, não esquecendo obviamente as diferentes épocas e respectivos contextos,

apresenta-se nestas rubricas como noutros textos enquanto um filósofo e teorizador de ideais sócio-políticos, onde uma dimensão vitalista e espiritualista se vai cada vez mais aprofundando.

Porém, não sendo aqui nosso objectivo enveredar pelo desenvolvimento alargado que o tema das elites teve em Raul Proença, com uma maior aproximação ao tema da política e da ética, este não se pode dissociar do pensamento do nosso autor, pelo que apenas salientamos as ideias de Proença, para quem as elites teriam como missão servir as «massas populares», no sentido de as orientar para o Bem e o bem-estar, o que significava que essas «massas» tinham que ser igualmente educadas através de uma educação popular permanente, recorrendo para tal aos mais diversos meios, entre os quais as bibliotecas populares e itinerantes.⁵ Em diversos artigos escritos na revista que reiniciara, Raul Proença teve consciência do difícil caminho para chegar ao modelo de elite «ideal», principalmente num País como o nosso, onde a renovação mental que se pretendia não acontecia, uma vez que os próprios governantes no poder, de onde o exemplo deveria começar, eram o resultado de uma deficiente educação com mentalidades estreitas e cheias de vícios, tendo como consequência o descalabro em que o País se encontrava.⁶

assim como a própria evolução e concepção das ideias e teorias das elites. (Consulte-se Marques Bessa, *Quem Governa para uma Teoria das Elites*, tese de dissertação de doutoramento apresentada no ISCTE, entre muitíssimas outras obras sobre este tema.)

⁵ Cf. Raul Proença, «As bibliotecas populares e o mundo moderno, o que há a fazer em Portugal», in *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, 2.^a série, vol. 1, 1920, e «O que pode fazer em Portugal uma grande biblioteca popular», *ibidem*, vol. 1, n.º 4, 1920.

⁶ Cf. Raul Proença, «O soldado desconhecido», in *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, 2.^a série, vol. 2, n.º 5, 1921, e «Tempestade produzida por umas pobres borboletas», *ibidem*.

A mentalidade «estreita, viciosa, troglodita» correspondia ao movimento da Cruzada Nun'Álvares, movimento que se intitulava apartidário e que surge durante o sidonismo em 1918. De timbre nacionalista, privilegiava sobretudo a superação do decadentismo nacional, tendo como princípios a ordem e a organização corporativa do Estado e onde o respeito pela ordem e tradição eram acentuados. Este movimento, que chegou a ser aceite por alguns republicanos, degenera em 1926 para uma extrema-direita. Aliás, sobre este movimento Raul Proença tece nas páginas da *Seara Nova* fortes críticas.

É também o integralismo lusitano um dos grandes combates ideológicos que Raul Proença leva a cabo nesta fase, no qual esse movimento «degenerou».

Como havia de ser possível formar uma elite se os próprios intelectuais e educadores – também eles – tinham sido vítimas de uma deficiente educação, e por isso mais vítimas que responsáveis?

Como proceder à renovação mental do País? Como formar uma opinião pública nacional esclarecida e responsável?

A resposta para algumas destas questões vamos encontrá-la escrita pela pena do bibliotecário reformador da Biblioteca Nacional, mas sobretudo pelo pensador no artigo intitulado «A filosofia de Epicuro e a concepção heróica da vida»,⁷ onde a sua concepção de «verdadeiro homem de elite» é exposta de forma modelar em acordo com a sua concepção ética e política, alicerçada igualmente num projecto antropológico e existencial de grande lealdade e desafio.

*

É na rubrica «Intermezzo» da mencionada revista – em que o bibliotecário dedicado vai criar também espaço para o pensador especulativo e inquieto – que o seu idealismo vitalista solicitava pelas exigências de formas de existência cada vez mais altas, onde estavam presentes o prazer e a dor (mas podendo esta ser criadora). O homem, e, de forma mais específica, o homem de elite, teria que acordar do «sono epicúreo», onde a consciência estava adormecida, não sendo possível sem ela criar nenhuma nova mentalidade e muito menos aquela que Raul Proença desejava, isto é, uma mentalidade que tivesse como base uma revolução espiritual, aquela a partir da qual, acreditava, a vida se poderia afirmar e exceder e pela qual sempre lutou.

Explanando e tentando clarificar a filosofia de Epicuro, de cuja moral se distancia porque, escreve: «Querendo fundar a moral, não nos preconceitos da

⁷ In *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, 2.^a série, vol. 1, n.º 4, 1920.

‘vã opinião’, mas na natureza das coisas, ele reconhece, com a escola cirenaica, que é o prazer o fim último de toda a existência.»⁸

Epicuro «um dos pensadores sobre que o vulgo nutre mais errados juízos», «decerto esse perspicaz arengador dos jardins de Atenas, que apodava os outros filósofos de cabotinos e ignorantes e inventava uma filosofia para uso dos valetudinários»⁹, merece a Proença uma crítica atenta. Afirmando contra o que outros pensavam que a sua moral mostra que ele não é nem um diletante do prazer, cultivando apenas no seu jardim as flores raras da sensação, nem como outros queriam «o criador duma filosofia generosa, heróica, elevadora do *tonus vital*»,¹⁰ porque para Proença «os mundos do prazer e da dor não são separados; comunicam a cada instante e a cada passo um se converte no outro», aliás, continuando o nosso autor: «muitas vezes as coisas mais doces deixam um depósito de amargor incomparável», contrariando assim Epicuro para quem o prazer significava – ou era entendido como ausência de qualquer tipo de dor, fosse do corpo fosse da alma. A posição de um mundo fechado à dor que vê no prazer apenas a ausência da mesma acabaria por anular o esforço, a insatisfação do espírito, o princípio da vontade criadora, condições que Proença entendia como fundamentais para uma verdadeira moralidade, apostando numa ética do heroísmo da vida e do progresso criador.

A plenitude da vida, a plena dinâmica da vontade não pode encontrar-se, escrevia: «na calma dos lagos mortos, no fundo dos vales», onde a «crispação das ondas» não existe. A vida é bem mais do que a «simples ausência de dor» ou o «prazer sem desejo», «a ausência de inquietação» e a «serenidade de consciência».¹¹

Ainda que, assim lhe chama Proença, o «utilitarismo egoísta» de Epicuro tivesse grande êxito, quando o mundo grego atingia a fase da decadência,

⁸ *Ibidem*, p. 309.

⁹ *Ibidem*, p. 309.

¹⁰ *Ibidem*, p. 309.

¹¹ *Ibidem*, p. 310.

entendendo que a vida não fazia sentido a partir do momento em que ela não pudesse ser – ou continuar a ser – fonte de prazer, também, por outro lado, para os estóicos, a morte teria que acontecer necessariamente a partir do momento em que a vida não pudesse continuar a ser uma fonte de virtude. Embora estas posições possam ser antagônicas, ambas seriam, segundo o filósofo português, de certo modo, defensoras do suicídio. E, assim sendo, onde é que se poderia encontrar o esforço criador? Onde estaria afinal a razão de ser da vida?

Segundo Proença, pode ser que no mundo grego, ao entrar em decadência, Epicuro tenha sido «o Messias dos filisteus», e por isso tenha contribuído para ajudar nessa época «os homens pequenos demais para poder suportar os terrores da morte e dos deuses», contentando-se com certa mediocridade. Desinteressados da política, paralisado o «esforço criador», a elite desapareceria seguramente porque perdidos estavam «os entusiasmos da vontade vitoriosa» e sem esta tornar-se-ia impossível qualquer elite.

O epicurismo, no que concerne à moral do prazer que concebeu (e que não deve ser confundido, segundo Raul Proença, «com o que há de primordial e fundamental em toda a moral do prazer»), por mais que quisesse «fazer brotar as mais altas flores da vida das suas raízes mais profundas»,¹² enganou-se, porque não conseguiu encontrar um ponto de apoio sólido. Querendo construir uma moral com base no mais profundo da própria terra «nas tendências mais elementares da vida orgânica, nos movimentos espontâneos de tudo o que sente e respira» e fazendo «coincidir o círculo das virtudes com o dos interesses», pretendendo convencer os homens da importância e do interesse próprio de praticar o bem, cai num egoísmo moral. Ora, se os meios poderiam eventualmente ser aceitáveis, os fins não o seriam certamente, porque, ao pretender descer às raízes da vida, não viu que essas mesmas raízes «mergulhavam mais fundo do que o prazer e a dor». Por isso, no mais profundo da existência, acaba por negar depois o elemento primordial que, segundo o

¹² *Ibidem*, p. 311.

nosso autor, seria o *desejo*, isto é, «a tendência da própria vida a afirmar-se e a exceder-se exactamente na medida em que se afirma».¹³

O autor deste texto da rubrica «Intermezzo», explanando ainda mais os prós e os contras de uma moral epicurista, claramente dela discorda, como seria de esperar, uma vez que «reduzir as torrentes da vida à quietude plácida dum pântano» – pese embora Epicuro não ter suprimido a sensibilidade – fê-la descer a um tal nível que Proença jamais subscreveria. Fiel ao seu vitalismo, Raul Proença só poderia discordar de uma moral que tinha como ideal supremo, na sua interpretação, «o sono descansado... o zero da escala afectiva»,¹⁴ porquanto o espírito criador em acto e potência estagnara e nessa perspectiva a reflexão e meditação, desapareceriam também.¹⁵

No mais profundo de si próprio, o *filósofo* da Biblioteca Nacional – que na vida via um progresso, aspiração consciente, e na «ambição cada vez menos fechada e mais generosa a grande lançadeira que tece e trama a vida»,¹⁶ onde o prazer e a dor se entrelaçam – acreditava por isso também que, na vida, o homem de elite teria que ser «uma das mais poderosas lançadeiras do progresso do mundo».¹⁷ Contrariamente à atitude de Epicuro, o homem de elite tinha de colocar-se firme em face dos homens para que fosse possível ver a vida em posição de desafio e de combate. Assim, para o nosso autor, esse homem teria que ser «servidor», viver «para se dar e se multiplicar, e não para receber e subtrair»,¹⁸ pelo que o egoísmo só podia ser «a mais grave lesão e amputação de nós próprios», a que afinal a doutrina epicurista conduzira.¹⁹

¹³ *Ibidem*, p. 312.

¹⁴ *Ibidem*, p. 312.

¹⁵ Será esta uma visão defeituosa, adulterada? Será que os que meditam, fazem-no eternamente? Não chegarão a um ponto, Omega ou Alfa, do seu pensamento?

¹⁶ *Idem*, p. 312.

¹⁷ *Idem*, p. 312.

¹⁸ *Idem*, p. 313.

¹⁹ A propósito das modalidades e limites da ética moderna, Eduardo Soveral, abordando o vitalismo e epicurismo, criticava a teoria de Bentham relativamente à interpretação que esta fazia do epicurismo.

A «maior esperança do mundo», «a célula ressonante e actuante do corpo social», era para Proença «o verdadeiro homem de elite», trabalhando para «a satisfação integral da sua consciência», tendo que desprezar a glória e vendo na política «a mais nobre e a mais bela das ocupações do homem». A existência, com todas as suas limitações e oposições, tinha que ser sentida pelo homem de elite para que as pudesse saber ultrapassar «pela beleza, pela força espiritual, pela audácia generosa», porque só assim lhe daria sentido e valor, contribuindo para «fazer da vida a mais bela obra de arte».²⁰ A vida não seria nunca obra feita, mas sim algo que se conquista «pela elevação gradual da consciência» e onde «as formas mais altas da vida são sempre *fins* em relação às formas inferiores». O papel do homem de elite seria acima de tudo o de um herói, tendo como base da sua acção «o culto da responsabilidade» em que «o amor paterno» fosse para ele «uma das mais altas expressões dessa responsabilidade». Na sua atitude heróica, que para o nosso autor é de um heroísmo ético, o homem de elite «desejaria infinitamente que Deus e a vida eterna existissem (com a condição *sine qua non* desta não importar o fim de todo o trabalho e de toda a actividade), mas não precisa de tal existência para dar um valor e um sentido à vida», acrescentando ainda assim crer, sublinhe-se, que «é

A seu ver, a doutrina benthiana não passava «de uma versão burguesa e pouco ambiciosa do epicurismo», pois, ao contrário de Epicuro, Benthan não libertava do medo da morte, não valorizava o amor, a amizade e «a fruição desinteressada da beleza...», não chamando os homens à sua dignidade máxima de seres terrenos e mortais («assim a entendia o atomismo materialista clássico»), pelo que «não advertia de que só eram legítimos, e, ao fim e ao cabo, de saldo positivo, os prazeres cuja fruição não fosse degradante, por trocarem a liberdade por tendências que aviltam», e não atendendo às superiores exigências do espírito. Contrariamente a Benthan, Eduardo Soveral pensa que Epicuro acaba por dar importância àquilo que é específico na vida, existindo acima de tudo uma liberdade interior que não pode ser negada ou desatendida de forma alguma por ser uma exigência do espírito.

Segundo este autor, Epicuro condenaria por exemplo o consumo de droga, uma vez que aos drogados não assiste essa liberdade interior de que, como sabemos, ficam desprovidos. (Cf. *Modernidade e Contemporaneidade*, Elcla Editora, Porto, 1995, em especial pp. 27-30).

²⁰ «A filosofia de Epicuro e a concepção heróica da vida», p. 313.

a diminuta probabilidade duma recompensa futura que dá todo o seu preço à moralidade». ²¹

Raul Proença, admitindo aqui a existência de Deus e da vida eterna, reafirma contudo o seu ateísmo ético, pois entende que embora esse possa ser um desejo, o valor e o sentido da vida não podem ter como alicerce essa crença (nem que seja diminuta), sob pena de a moralidade deixar de ser pura para poder *ter um preço*. O homem de elite não precisa, segundo Proença, da crença «firme e robusta de que fala o poeta», ou seja, «num Deus que há-de guardar por sua própria mão numa jaula de ferro, a alma de Locusta, num relicário de ouro, a alma de Platão», ²² mas sim «pelo contrário, o valor do bem supremo mesmo sem Deus supremo e sem vida eterna». ²³ Parece-nos ainda ser significativo que neste contexto, em que Proença apresenta o seu ideal de homem de elite, a questão de Deus e da vida eterna seja equacionada novamente. Volvidos cerca de quatro anos sobre o seu estudo dedicado ao Eterno Retorno, Proença deixa claro que essa questão não ficara ainda resolvida, sendo certo que ela não era sequer resolúvel num pensamento da natureza do do nosso autor, como aliás de quase todos os pensadores portugueses que no final dos séculos XIX e XX tiveram esta matriz de pensamento.

Mais uma vez Proença insiste nesta sua posição relativamente à impossibilidade de separar as suas preocupações, e em que, como afirmou António Reis, e de que partilhamos, elas constituem também uma resposta à sua ética de heroísmo, ²⁴ que percorre todo o seu pensamento e lhe levanta,

²¹ *Idem, ibidem*, p. 313. Porquê «a diminuta probabilidade duma recompensa...?». A ideia de uma evolução no pensamento deste autor, nomeadamente no âmbito metafísico, está sempre presente.

²² *Idem ibidem*, p. 313.

²³ *Idem, ibidem*, p. 313.

²⁴ Cf. António Reis, *ob. cit.* Aliás, o problema deste ateísmo de Raul Proença é sempre ou quase sempre o mesmo, ou seja, é o seu ateísmo ético de grande aposta no homem e na vida, na sua liberdade e responsabilidade que o coloca naquilo que nos parece ser o seu grande problema de ordem filosófica e existencial.

pensamos, grandes dificuldades, fundamentalmente a partir de 1927, questão a que voltaremos na parte final deste trabalho.

Em nota de rodapé, no artigo a que nos vimos referindo, parece-nos também importante salientar o que o nosso autor nela escreve também a propósito de Deus e da Eternidade e que transcrevemos: «se a vida eterna tem de ser o repouso à mão direita, ou à esquerda, do Deus Padre, eu peço a Deus que me não dê a vida eterna. Para que a quereria eu com efeito se ela teria todos os característicos da morte, com mais um – a consciência, a consciência da própria morte!»²⁵ Foi esta consciência da morte, presente na vida e no pensamento de Proença, que colocou este homem perante as maiores inquietudes existenciais e nos levou a inseri-lo no panorama do pensamento filosófico em Portugal. A sua luta, a sua suprema vontade de viver, de viver tudo com a ansiedade e também com a coragem que lhe conhecemos, prova bem que o ser «infinitamente complexo» e «ser para morte», não consegue, apesar dos esforços, e porque, sendo leal à sua consciência – como foi Proença –, passar por cima daquele grande problema filosófico que o pensador considerou decisivo, ou seja, como ele escreveu: «saber aquilo com que, eternamente podemos contar». Um pensamento e uma consciência que o nosso autor pretendia «límpida» e digna levou-o assim a confrontar-se com todas as realidades que se lhe revelavam.

Foi o amor pela vida e pela ideia em que acreditava que o fizeram caminhar na sua luta, nesta fase da vida, centrando a sua atenção na transformação das elites e no modo de o conseguir, para que fosse possível «encarnar uma moral vitalista do heroísmo do dever ao serviço dos valores da Liberdade, da Justiça e do Progresso».²⁶

²⁵ *Idem*, p. 313. Não será esta consciência da morte que fez de Proença o pensador reflexivo e o levou ao estudo do Eterno Retorno?

Embora o centro das atenções fosse a transformação das elites com vista a uma transformação política, social e cultural, este centro tinha *epicentros*.

²⁶ *In* António Reis, *ob. cit.*.

Porém, Raul Proença estava consciente da grandeza da tarefa e das suas dificuldades, uma vez que, se acreditava existir o homem de elite, reconhecia também que ele não se tinha revelado ainda «em toda a sua grandeza e fecundidade», porquanto a plenitude da consciência e os seus desejos mais profundos ainda estavam adormecidos. Por isso, aquele que devia ser «o apóstolo duma nova crença, o fermento duma nova vida, o ‘acordador’»,²⁷ vivia ainda «imerso no sono epicúreo», nele se aniquilando e, assim, não percebendo que o egoísmo a tudo e todos ofende, porque, eternizando «as coisas mortas, parar a vida, fazer da história uma repetição», não daria a possibilidade de ver que é «no progresso mesmo da vida a tradição mais iniludível – e a mais nobre», que o seu sentido se deve procurar.²⁸

O ano de 1920 foi para Proença de grande importância no que respeita à abertura de novos caminhos. Algumas das tentativas – Liga de Educação Nacional, da própria Renascença Portuguesa e da Liga de Acção Nacional, assim como a chamada Cruzada Nun’Álvares – apenas serviram como atitudes mais ou menos profiláticas.

Mas, onde e como encontrar e formar uma nova elite capaz de reformar espiritual e culturalmente a sociedade que em Portugal carecia, segundo o nosso autor, de uma orientação e, mais importante ainda, de educação.

Será que hoje, como então, a história se repete?

²⁷ *Idem*, «A Filosofia de Epicuro e a concepção heróica da vida», p. 313.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 314